MARX OU MARXISMO?

Observações sobre uma abordagem acrítica da situação[1].

Por Michael Heinrich

Foi professor na Universidade de Ciências Aplicadas, na Universidade de Viena e na Universidade Livre de Berlim. É colaborador da MEGA2
Michael Heinrich
Email: m.heinrich@prokla.de

Tradução de Marco Aurélio Palu[2]

Alguns esclarecimentos introdutórios da tradução

O texto de Heinrich ora traduzido foi originalmente escrito para ser lido em uma conferência. Antes da publicação direcionada ao leitor, alguém entregou o artigo ao jornal socialista alemão ND, que pediu permissão para publicá-lo. Heinrich deu permissão e os editores escolheram um título diferente, o que o autor considerou aceitável, pois o título original estava relacionado à conferência. Eles também omitiram a maioria das notas de rodapé e das fontes bibliográficas incluindo elas no corpo texto sem a devida referência.

Esse artigo de jornal resumido foi traduzido para o inglês e depois traduzido novamente para o português[3]. Para publicação em um periódico acadêmico, Michael Heinrich indicou incluir algumas das notas de rodapé omitidas na tradução publicada divulgada em inglês e que foram incorporadas no texto sem a devida referência.

Na versão ora apresentada foi realizado, além da revisão da edição inglesa, o cotejamento com a versão original alemã. Ambos os textos enviados diretamente pelo autor.

---

[1] O texto que se segue é a versão revista da contribuição de Heinrich para a conferência *Zur Lage des Marxismus* (Sobre a situação do marxismo), organizada pela Assoziation für kritische Gesellschaftsforschung (Associação para a Investigação Social Crítica), e ocorrida em dezembro de 2013. Foi publicado posteriormente sob o título de *Marx oder Marxismus? Anmerkungen zum unkritischen Umgang mit der Lage*, tendo sido revisado e autorizado por Michael Heinrich, em 2015. *Marx oder Marxismus? Anmerkungen zum unkritischen Umgang mit der Lage*. **(**in: Alex Demirovic et al. (Hrsg.), *Was ist der „Stand des Marxismus?“*, Münster: Dampfboot 2015, 121-129). O texto possui uma versão não-autorizada publicada na revista eletrônica *Neues Deustchland*, no mesmo ano de 2015. A presente tradução se baseia na versão revisada e autorizada pelo autor. (N.T.B.).

[2] Marco Aurélio Palu Mestre em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Email: marco.a.palu@gmail.com

[3] Essa tradução utilizou como fonte a versão em inglês presente em "*Je ne suis pas marxiste*" - Michael Heinrich | libcom.org. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/je-ne-suis-pas-marxiste/, acesso em 12/10/2025. (N.T.B.).

Michael Heinrich usa as edições da MEGA clássica nas citações de corpo do texto. Tanto as edições da MEW (Marx-Engels Werke[4]), as MECW (Marx-Engels Complete Works[5]). As citações de corpo de texto estão indicadas pela bibliografia da versão original, também a pedido do autor. A bibliografia utilizada por Heinrich consta ao final do documento.

Para as notas da tradução brasileira usamos a abreviação N.T.B., e para as notas originais do autor N.A. Ambas contando como notas de rodapé.

***

Aquele que visita o túmulo de Karl Marx no cemitério Highgate em Londres encontra um enorme pedestal onde há erguido um também enorme busto de Marx. É preciso, no entanto, dirigir um olhar mais atento a ele.

Logo abaixo do busto está escrito em letras douradas "trabalhadores de todo o mundo, uni-vos", e mais abaixo, também em dourado, "Karl Marx". Embaixo deles uma simples e pequena lápide está posicionada dentro do pedestal, a qual dá nome sem ouro nem pompa aos que estão enterrados ali: ao lado de Karl Marx, há sua esposa Jenny, seu neto Harry Longuet, sua filha Eleanor, e Helene Demuth – que por décadas foi a governanta de Marx.

Após a morte de sua esposa o próprio Marx escolhera uma lápide simples. Marx não era do tipo extravagante. Ele foi explícito em pedir por um funeral sereno, restrito a um pequeno círculo de amigos. Somente onze pessoas se fizeram presentes. Friedrich Engels conseguiu impedir os planos do Partido Social Democrata Alemão de erguer um monumento a Marx no cemitério. Ele escreveu a August Bebel que a família era contra tal monumento, já que a lápide simples "seria profanada aos seus olhos se substituída por um monumento" (MECW 47, p. 17)[6].

---

[4] MEW/Marx-Engels Werke: edição incompleta da obra publicada pelo editorial Dietz de Berlim (DDR) entre 1953 e 1968, o projeto inicial era de 39 volumes, que com a inclusão de registros e índices foi legada aos 45 tomos.

[5] MECW/Marx-Engels Complete Works: edição incompleta em inglês do editorial Lawrence & Wishart de Londres, ainda mais abarcativa e erudita que o MEW alemão, foi publicada entre 1975 e 2004, consistindo em 50 volumes, incluindo 13 com a correspondência Engels-Marx; a divisão editorial consiste em: Volumes 1-3: Primeiros Trabalhos (1835-1844); Volumes 4-27: Obras Gerais (1844-1895); Volumes 28-37: Obras Econômicas (1857-1894) e finalmente Volumes 38-50: Cartas (1844-1895).

[6] Michael Heinrich usa citações que constam na edição das Marx-Engels Complete Works (MECW). Os volumes da MECW começaram a ser editados em 1975, depois que os princípios gerais de edição foram acordados pelos representantes dos três lados (Instituto Marxismo-Leninismo [Edições Progresso] de Moscou, os Comitês Centrais dos PCs na Grã-Bretanha e nos EUA e suas editoras [Lawrence and Wishart], Londres e Nova York [International Publishers]) em uma conferência em Moscou, em dezembro de 1969. Mais de quarenta volumes foram publicados antes da queda da URSS; os poucos volumes restantes foram concluídos e publicados em 2004.Grande parte dos primeiros escritos de ambos os autores, muitos de seus artigos de jornal (por exemplo, do *Neue Rheinische Zeitung* 1848-49) e a maioria de suas cartas, bem como muitos dos manuscritos econômicos de Marx, foram publicados em inglês pela primeira vez nas MECW. No total, os 50 volumes compreendem 1.968 obras e outros documentos (dos quais 805 foram publicados em inglês pela primeira vez) e 3.957 cartas (das quais 2.283 nunca haviam sido publicadas em inglês antes). As MECW consistem em escritos de Marx entre 1835 e sua morte em 1883, e de Engels entre 1838 e sua morte em 1895. Os primeiros volumes

Cerca de setenta anos depois, não sobrou ninguém para zelar o túmulo de Marx. O monumento que hoje lá está foi encomendado pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha e inaugurado em 1956. Apenas o regulamento do cemitério impediu que ele fosse ainda maior. Mas os marxistas posteriores sobressaíram sobre Marx[7].

Je ne suis pas marxiste, foi a declaração de um Marx bastante irritado ao seu genro Paul Lafargue, quando esse o reportou das ações dos "marxistas" franceses. Engels fez circular essa declaração inúmeras vezes, incluindo cartas a periódicos – certamente pensando no consumo público[8]. A distância entre Marx e os marxistas também é expressa em outros comentários. Quando esteve na França, em 1882, ele escreve a Engels que "os '*marxistes*' e '*anti-marxistes*' [...] em seus respectivos congressos em Roanne e Saint-Étienne" tinham "ambos feito o seu melhor para arruinar minha estada em França". (MECW 46, p. 339)

Em todo caso, o tal "marxismo" não agradava a Marx. E além disso, quando o economista Adolf Wagner analisa pela primeira vez a teoria marxiana em seu manual e escreve sobre "sistema socialista" de Marx, este último, indignado, anota sob a forma de glosas que "nunca estabeleceu nenhum sistema socialista" (MECW 24, p. 533). "Sistemas" e qualquer "ismo" enquanto visão de mundo nunca foram particularmente seu estilo. O leitor interessado procura em vão por passagens em sua obra em que ele se define como pai fundador de algum "ismo". Ademais de se ver como um homem de "partido" (o qual ele referia não como uma organização específica, mas sim a totalidade de forças em luta contra o capitalismo e pela emancipação social), Marx dizia-se um homem de ciência. *O capital*, que ele considerava "o mais terrível projétil que já fora lançado na cabeça da burguesia (incluindo os arrendatários)" (MECW 42, p. 358), estava, segundo ele, incluído nas "tentativas científicas de revolucionar a ciência" (MECW 41, p. 436). A ênfase em "científicas" é do próprio Marx. E, quando Marx escreve no *Prefácio* ao primeiro volume de *O capital*, "dou boas-

(vols. I-II) incluem a *juvenillia*, como a correspondência entre Marx e seu pai, a poesia de Marx e cartas de Engels para sua irmã. A edição também contém várias obras importantes e conhecidas de Marx e Engels, como *A condição da classe trabalhadora na Inglaterra* (vol. IV), O *Manifesto comunista* (vol. VI), *O 18 de Brumário* (vol. XI) e o *Anti-Dühring* (vol. XXV). A coleção está dividida em três partes. Os volumes I a XXVII reúnem os escritos políticos, filosóficos, históricos e jornalísticos dos autores, em ordem cronológica. Os volumes XXVIII-XXXVII reúnem especificamente os escritos de Marx sobre economia política, incluindo uma grande quantidade de material de rascunho e manuscritos que culminaram nos três volumes de *O capital* (vols. XXXV-XXXVII). Por fim, os volumes XXXVIII-L reúnem as cartas e a correspondência pessoal dos autores. As traduções baseadas na MECW são as mais disseminadas e usadas até os dias de hoje, e consagram os esforços editoriais da MEGA² (N.T.B.).

[7] Engels provavelmente previu o que estava por vir. Ele providenciou um "enterro" no mar para si mesmo (N.A.).

[8] Engels mencionou essa afirmação em cartas a Eduard Bernstein (MEW 35, p. 388) e a Conrad Schmidt (MEW 37, p. 436), bem como numa carta ao jornal Sächsische Arbeiter-Zeitung, que foi publicada no Sozialdemokrat (MEW 22, p. 69) (N.A.).

vindas à toda opinião crítica embasada cientificamente" (MECW 35, p. 11), não estava simplesmente sendo retórico. Marx tinha plena consciência da natureza provisória e da falibilidade das afirmações científicas.

De omnibus dubitatum – "duvidar de tudo" –, escreveu ele em resposta à questão sobre o seu mote de vida num questionário biográfico que sua filha o apresentou. A enorme massa de manuscritos que Marx deixou sem publicar, as muitas e consideráveis revisões de textos já publicados, em certa medida atestam o fato de que nem mesmo sua própria obra estava isenta de dúvidas. Mas na história do marxismo tal obra fora frequentemente tratada de maneira diferente.

Historicamente falando, foi a partir da popularização dos últimos trabalhos de Engels, especialmente do *Anti-Dühring*, que se constitui o ponto de partida para a construção do marxismo[9]. Foi somente com a pressão de Bebel e Liebknecht na década de 1870 que Engels confrontou as opiniões do professor universitário alemão Eugen Dühring, que paulatinamente ganhava adeptos na social-democracia alemã. Uma vez que Dühring havia montado um novo e abrangente "sistema" de filosofia, história, economia, e ciências naturais, Engels precisou acompanhá-lo em todas essas áreas, mas não sem deixar claro no prefácio de seu livro que seu texto "de modo algum pode visar apresentar outro sistema como alternativo ao 'sistema' de Herr Dühring" (MECW 25, p. 6).

Mas não adiantou. Para a história o *Anti-Dühring* se tornou precisamente o ponto de partida desse "sistema" que ganhou fama sob o nome de "marxismo". Seu primeiro representante destacado foi Karl Kautsky. Até o período da Primeira Guerra, também Lênin o acompanhou sem qualquer reserva importante.

Enquanto Engels ainda zombava da pretensão de Dühring de uma "verdade última e final" (MECW 25, p. 28), agora tal pretensão, juntamente com todas as fantasias de onipotência nela baseadas, era feita por muitos marxistas: "A doutrina marxista é onipotente porque é a verdadeira" (LENIN, 1913, p. 3). Os recortes aplicados pelo marxismo social-democrata antes da Primeira Guerra foram se seguiram pelos do marxismo-leninismo, que se tornou a doutrina canônica na União Soviética após a morte de Lênin.

Para que fique claro: minha intenção não é desacreditar todas as conquistas políticas e analíticas de Kautsky, Lênin e muitos outros marxistas. Caso alguém deseje avaliar seus méritos o fará individualmente em cada caso.

---

[9] Mas é um tanto tendencioso fazer de Engels o "inventor" do marxismo, como fez a editora Propyläen, quando deu à tradução alemã da biografia de Engels escrita por Trisram Hunt o subtítulo de "o homem que inventou o marxismo". A edição original em inglês leva um título mais preciso "Engels: o comunista de casaca". (N.A.).

O que estou tratando são essas simplificações descritas como "marxismo", essas misturas de materialismo simplório, ideias burguesas de progresso, e um hegelianismo vulgar que se apresentam como "materialismo dialético" e "materialismo histórico" –, termos que em vão se buscam na obra de Marx[10].

Os bem-instruídos, modernos e não-dogmáticos marxistas vão prontamente objetar que esses cultos à personalidade não são sua praxe, e que o velho marxismo dogmático também não o é. Somente seu ponto de vista iluminado pode ser considerado "marxismo", todo o resto seria descartável – das concepções deterministas de história à redução das relações de gênero como "contradições secundárias", tudo sendo sumariamente enviado ao gulag stalinista - tudo isso não teria nada a ver com o supostamente verdadeiro e real marxismo. No entanto, se à alguém interessado ocorrer se perguntar no que consiste o tal verdadeiro marxismo, a dúvida subitamente se desmancha no ar - e não por acaso.

Se essa mesma pessoa procurar dar um corpo substancial ao termo "marxismo" então necessariamente irá se deparar com um dilema. Caso seja inserido muito conteúdo então a determinação se torna muito concreta e muito facilmente acaba contradizendo a ciência decorrente dele. O "lysenkismo" é tão somente o mais famoso exemplo disso[11]. Mas caso se deixe as coisas num nível vago e abstrato corre-se o risco de aquilo apresentado como marxismo permaneça no nível dos clichês: tudo o que é real é também material, a história se desenvolve por meio de contradições, etc.

Para muitos marxistas, György Lukács é considerado como aquele que desatou esse nó. De acordo com Lukács, mesmo que todos os resultados da teoria de Marx tenham se provados falsos, seu "método" ainda permaneceria correto: manter a "dialética materialista" como método de pesquisa era o suposto centro nervoso do chamado "marxismo ortodoxo". Ainda que seja ignorado o fato de que não existe consenso entre os marxistas sobre no que consiste o assim chamado método dialético, essa advertência lukácsiana não tem a pretensão de ser um tipo de recomendação oficial, em que se aferra-se a um método mesmo que ele conduza a resultados incorretos[12].

Não obstante não se possa aduzir claramente uma determinação conceitual correta daquilo que o marxismo seja, permanece sempre entre os marxistas a possibilidade de fazer uso do termo de

---

[10] Não há espaço aqui para uma crítica detalhada dessas construções. Ela com frequência fora formulada a partir de diferentes perspectivas de esquerda. Apenas uma pequena seleção: Fetscher (1967); Negt (1969); Rubel (1974); Labica (1986); Fleischer (1993); Elbe (2008, p 12-29). (N.A.).

[11] O biólogo soviético Lyssenko declarou a genética como uma "ciência burguesa", incompatível com os princípios do marxismo-leninismo. Com o apoio de Stalin, essa ideia prevaleceu e bloqueou a investigação genética na União Soviética durante mais de duas décadas (cf. Lecourt 1976). (N.A.).

[12] De modo algum estou contestando que há ali conceitos razoáveis de materialismo e de dialética. O que duvido muito é de que a partir deles se possa reunir os fundamentos de uma ontologia e de um método geral (Heinrich 2008). (N.A.).

maneira descritiva. Assim, uma definição possível da palavra "marxismo" é "o marxismo engloba todas as práticas dos últimos 150 anos nas quais que dá continuidade ou se refere positivamente às obras de Karl Marx, bem como aos autores e ativistas que ulteriormente se referiram a Marx"; no que se seguiria a "constante assédio ao marxismo nas mãos do stalinismo e do fascismo" (Mayer, 2012, p. 158). Aparentemente, o stalinismo não contaria como uma parte do marxismo, embora esta corrente se refira sempre positivamente à "obra de Karl Marx", assim como a maioria de seus contemporâneos nunca tenha duvidado que o stalinismo fosse parte do marxismo - entre eles alguns de não pouco espírito crítico, como Ernst Bloch. Se retrospectivamente o stalinismo é excluído do marxismo – entendido aqui em sentido descritivo – então está se procedendo de uma forma não tão diferente daquela de Stálin, que também procurou apagar dos registros e das fotografias aqueles que caíram em desgraça.

O fato de que não seja tarefa fácil para os marxistas determinar o que realmente seja o "marxismo" de alguma maneira também é responsabilidade de Marx. Há que se admitir que esse último não facilitou a vida daqueles primeiros. Sua obra consiste não somente em um conjunto de textos publicados, mas também em uma variedade imensa de manuscritos não publicados em vida.

Os projetos teóricos fundamentais que Marx se debruçou permaneceram todos inacabados. Manuscritos não publicados como os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, ou a coletânea de 1845/46 que ficou conhecida como *A ideologia alemã*, permaneceram fragmentados e inacabados. Muitos dos textos são ou sínteses provisórias, como o *Manifesto comunista*, de 1848, são partes de projetos inacabados - tal como o primeiro livro *Contribuição a crítica da economia política* (1859), ou o primeiro volume de *O capital* (1867/1872). Análises políticas como O *18 de brumário* (1852), ou *A guerra civil na França* (1871) tratam de forma exaustiva de seus respectivos tópicos, mas a teoria do Estado e da política que Marx aspirava só é abordada de forma implícita e incompleta. Marx não deixou somente um projeto inacabado, ele deixou uma série de projetos inacabados. Não há razão para duvidar que a discussão desses projetos - em seu respectivo alcance e lacunas - bem como a relação entre eles, proporcionou, e ainda proporciona, um rico material de debate. Além disso, os trabalhos póstumos de Marx foram pouco a pouco sendo publicados (ainda estão sendo publicados até hoje).

Cada geração de leitores foi confrontada com diferentes conjuntos de obras completas (*oeuvre*) de Marx, e em muitas ocasiões durante o século XX se proclamou que agora – finalmente – poder-se-ia conhecer o verdadeiro Marx! No entanto, os trabalhos póstumos em geral foram intensamente revisados pelos seus respectivos editores antes virem à publicação. Esse foi o caso já do segundo e do terceiro volumes de *O capital*, publicados por Engels, e é ainda mais o caso dos

Manuscritos econômico-filosóficos e de *A ideologia alemã*[13], publicados entre os anos 1920/30. De modo que os materiais de Marx e Engels foram integralmente publicados pela primeira vez sem tais intervenções editoriais somente na segunda *Marx-Engels Gesamtausgabe* (MEGA), publicada desde 1975, mas até o momento (2015) apenas metade dela apareceu.

Entretanto, no desenvolvimento histórico dos vários marxismos os textos de Marx e Engels desempenham um papel limitado. De início, as pessoas ficavam satisfeitas com algumas formulações pequenas e marcantes, como a de que a história é sempre a "história da luta de classes"[14], ou de que o "comunismo" é "o movimento real que abole o atual estado de coisas"[15]. Mas o contexto no qual Marx fez essas afirmações, e o modo como elas foram sendo modificadas pelos ulteriores desenvolvimentos da teoria marxiana – se provaram de menor interesse. Para o marxismo, Marx não interessava enquanto pensador que estava em constante aprendizado e desenvolvendo continuamente suas concepções teóricas, mas sim como alguém que produziu verdades finais – o "marxismo".

Muitos dos modernos e bem-instruídos marxistas também mantém uma certa distância em relação a um compromisso firme para com a obra de Marx. É frequente a ênfase de que não "fazem filologia", ao contrário, dizem preferir tratar politicamente da obra de Marx. Não raras vezes, porém, esse distanciamento acaba concorrendo para o objetivo de manter intocada a própria noção de teoria de Marx e do marxismo. Se, por exemplo, referimos o conceito de práxis nas *Teses ad Feuerbach*, que muitos consideram conter o cerne da teoria de Marx, ao contexto específico do debate com os Feuerbach e os neo-hegelianos – tirando das *Teses ad Feurbach* o seu estatuto de documento fundamental (Heinrich, 2004) - , ou se sublinhamos que, no caso do *Manifesto Comunista*, o verdadeiro debruçar de Marx na análise do capitalismo começa após o *Manifesto*, com algumas das teses ali contidas sendo até mesmo rejeitadas, então perderemos muitos amigos. A mesma coisa acontece se notamos que nem todas as afirmações contidas em *O capital* estão gravadas na rocha, e que, por exemplo, há indícios de que nos anos 1870 Marx poderia ter considerado mais criticamente a "lei da queda tendencial da taxa de lucro", conforme demonstram os manuscritos 1864/65 do terceiro volume de *O capital* (Heinrich, 2013, p.139). Ao fim e ao cabo, isso tudo seria tão somente "filológico".

Uma vez mais, e para que fique claro: o fato da crítica ao capitalismo não se esgotar na filologia é muito banal. Outro fato, tão banal quanto, é que se quisermos trabalhar com os conceitos

---

[13] Muito instrutivo neste contexto é o estudo de Michael T. Koltans (2002) sobre a história editorial da chamada *Ideologia Alemã* e os interesses *marxistas* associados às respetivas edições (N.A.).

[14] cf. MARX, Karl. *O Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 40. (N.T.B.).

[15] cf. MARX, Karl. *A ideologia alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845- -1846). Trad. Rubens Enderle, Nélio Schncider c Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo, 2007, p. 38. (N.T.B).

da obra de Marx temos primeiro que se apropriar deles criticamente e não partir somente de manuais. Mas, na maioria das vezes, é precisamente essa apropriação crítica que fica faltando.

Uma última coisa: entre os cientistas sociais críticos, particularmente na Associação para Pesquisa Social Crítica [Assoziation für kritische Gesellschaftsforschung], Michel Foucault goza de certa popularidade. Suas análises da relação entre saber e poder são sempre referidas generosamente. No entanto, os marxistas – mesmo aqueles modernos e não-dogmáticos – encontram dificuldades para conceber o marxismo como um tipo de saber-poder complexo. Em uma conferência organizada pela APSC, o marxismo enquanto forma de dominação não foi nem sequer tópico de discussão.

Isso, no entanto, foi tema discutido o marxismo na RDA (República Democrática da Alemanha), onde a história do marxismo fora sempre uma história de exclusão e de dominação. Mas não pertencem a esse tópico somente o stalinismo e a história dos partidos comunistas autoritários. Nos grupos de esquerda e nos seminários acadêmicos do Ocidente as supostas verdades absolutas do "marxismo" também produziram vários balizamentos entre o que "ainda é", e o que "já não é mais" considerado marxismo, ou seja, entre aquilo que é incluído e o que é excluído de seus discursos e práticas sociais.

Mesmo que alguns queiram pensar dessa forma, a microfísica do poder não começa onde acaba o marxismo (ocidental). O "curto verão do marxismo acadêmico" (Altaver, 2007) que existiu nas universidades da Alemanha Ocidental na década de 1970, do qual alguns ainda se ressentem, era, em grande medida, uma pseudo-prosperidade que se assentou nos efeitos discursivos de poder. Na tentativa de se mostrar na vanguarda, era lugar comum – independentemente do tópico abordado – a referência à "contradição entre valor de uso e valor de troca". Durante este período, foram elaboradas muitas análises da teoria marxiana, bem como as contribuições dela decorrentes, que são dignas de serem lidas. Mas também há uma quantidade enorme de bobagens.

De todo modo, o próprio Marx não estava atrás de verdades absolutas. Ele estava muito mais interessado era no trabalho crítico de demolir verdades absolutas na intenção de se abrir para novos espaços de pensamento e ação – os quais não dão resultados claros e imediatos.

No contraste com o "marxismo" que Marx rejeitou, com sua identidade calcada em verdades absolutas, esse Marx crítico e inacabado tem um efeito extremamente subversivo e estimulante. Quais de suas análises e conceitos são úteis, o que pode e o que não pode ajudar a mudar o mundo, não está definido de antemão. Há sempre a necessidade de discutir e fazer novos juízos "*De omnibus dubitatum*".

Referências:

Altvater, Elmar. (2007).*Der kurze Sommer des akademischen Marxismus*, in: PROKLA 146, 9-24.

Elbe, Ingo. *Marx im Westen*. (2008). Die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965, Berlin.

Fetscher, Iring. (1967). *Karl Marx und der Marxismus*. Von der Philosophie des Proletariats zur proletarischen Weltanschauung, München.

Fleischer, Helmut. (1993). *Epochenphänomen Marxismus*, Frankfurt/M.

Heinrich, Michael. (1993) Praxis und Fetischismus. Eine Anmerkung zu den Marxschen Thesen über Feuerbach und ihrer Verwendung, in: Kirchhoff Christine u.a. (Hg.), Gesellschaft als Verkehrung. Perspektiven einer neuen Marx-Lektüre, Freiburg, S. 249-270

_____. (2008). *Weltanschauung oder Strategie?* Über Materialismus, Dialektik und Kritik in der Kritik der politischen Ökonomie, in: Demirovic, Alex (Hg.): Kritik und Materialität, Münster, S. 60-72.

_____. (2013). *Von den ‚kanonischen' Texten zu Marx' ungeschriebenem „Kapital"*, in: Jaeggi, Rahel; Loick, Daniel (Hg.), Karl Marx – Perspektiven der Gesellschaftskritik, Berlin, S.123-144.

Hunt, Tristram. (2012). *Friedrich Engels*. Der Mann, der den Marxismus erfand, Berlin.

Koltan, Michael T. (2002).*Die Editionsgeschichte der „Feuerbach-Manuskripte*", in: jour fixe initiative berlin (Hg.), Geschichte nach Auschwitz, Münster, S.119-142.

Labica, Georges (1986): *Der Marxismus-Leninismus*. Elemente einer Kritik, Argument: Westberlin.

Lecourt, Dominique (1976): *Proletarische Wissenschaft?* Der "Fall Lyssenko" und der Lyssenkismus, Westberlin.

Lenin, Wladimir I. (1913): *Drei Quellen und drei Bestandteile des Marxismus*, in: Lenin Werke Bd. 19, S. 3-9.

Lukács, Georg (1923): *Geschichte und Klassenbewußtsein*, Darmstadt 1970.

Mayer, David (2012): *Stichwort „Marxismus I*", in: Brand, Ulrich u.a. (Hrsg.), ABC der Alternativen 2.0, Hamburg, S.158-159.

Negt, Oskar (1969): *Marxismus als Legitimationswissenschaft*. Zur Genese der stalinistischen Philosophie, in: Bucharin, Nikolai; Deborin, Abram, Kontroversen über dialektischen und mechanischen Materialismus, Frankfurt/M., S.7-48.

Rubel, Maximilien (1974): *Marx, critique du marxisme*, Paris.

Publicado originalmente sob o título de **Marx oder Marxismus? Anmerkungen zum unkritischen Umgang mit der Lage**[16] in: Alex Demirovic et al. (Hrsg.), *Was ist der „Stand des Marxismus?“*, Münster: Dampfboot 2015, 121-129.

Traduzido com a autorização do autor.

[16] - „Zur Lage des Marxismus“ war der Titel einer von der Assoziation für kritische Gesellschaftsforschung im Dezember 2013 veranstalteten Konferenz. Der folgende Text ist die überarbeitete Fassung meines Beitrags zu dieser Konferenz.